



Marcus Accioly

Alexandre Santos

Artigo em homenagem póstuma ao poeta
Marcus Accioly

Em 2010, ao instalar a Ordem do Mérito Literário Jorge de Albuquerque Coelho, a União Brasileira de Escritores esquadrinhou a cena brasileira e, sem surpresa, verificou que, entre os artistas e cientistas da palavra situados no estágio mais elevado de evolução e refinamento cultural do País, estava o poeta Marcus Accioly, o qual, de imediato, juntamente com outros ícones da literatura nacional, foi admitido na confraria maior. Àquela altura, o autor dos poemários Cancioneiro, Nordestinados, Xilografia, Sísifo, Íxion, Ó(de)Itabira, Guriatã, Narciso, Érato, Latinoamérica e tantas outras preciosidades da literatura brasileira, ex-ministro-adjunto da cultura, ex-vice-presidente da União Brasileira de Escritores, membro da Academia Pernambucana de Letras e presidente do conselho de cultura de Pernambuco estava pronto para os mais altos vãos possíveis a um homem das palavras, inclusive à Academia Brasileira de Letras e, mesmo, ao Prêmio Nobel de Literatura.

Enquanto aqueles merecidos galardões não chegavam, Marcus Accioly escrevia poemas, juntando material para encorpar muitos livros ainda por publicar, e, mantendo um tipo sui-gêneris de humildade, continuava a ter os méritos reconhecidos em alguns dos eventos mais importantes do País, como aconteceu em Porto de Galinhas em 2016, quando a Câmara Brasileira de Desenvolvimento Cultural o elegeu 'Grande Homenageado' da edição anual da FLIPO.

A intensidade da luz irradiada por Marcus Accioly era tão forte que, se não houvesse modificação drástica nas rotinas regentes da sua existência, mais cedo ou mais tarde, superando eventuais obstáculos, [ele] conquistaria as estrelas já merecidas. Mas, o [in]esperado sempre sobrevem, pois, desdenhando sonhos e projetos estruturados no plano das realizações terrenas, a natureza cumpre uma agenda própria e, quase sempre desconectada das metas estabelecidas pelas pessoas, altera o cronograma de chegadas, partidas e travessias, configurando e reconfigurando situações, como se as jornadas fossem peças de um caleidoscópio orientado pelo acaso. Com efeito, em 21 de outubro de 2017, acelerando o ritmo das coisas, a natureza nos surpreendeu com mais uma das suas costumeiras trapaças e, sem explicação prévia, arrebatou-nos o mestre da poesia, encaminhando-o para outras missões.

Com efeito, talvez sem compreender as razões do desenlace prematuro e sem noção dos planos eventualmente a ele reservados, Marcus Accioly alcançou a grande inflexão da vida, deixando um rastro de sensibilidade e de simbologia poética para continuar animando o imaginário de uma crescente legião de fãs espalhada por toda a parte.

A repentina partida de Marcus Accioly frustrou o nosso desejo de vê-lo trajando com o fardão maior da literatura brasileira e indicado para o Nobel, abreviando o seu ingresso na eternidade e no panteão dos melhores. De fato, como efeito subjacente, ao invés de interromper a caminhada de Marcus Accioly aos píncaros da glória, o retorno ao pó no massapê das terras açucaradas do município de Aliança cataliza o processo de realce do brilho da sua vasta obra literária, consagrando-o definitivamente no pequeno círculo dos grandes poetas que o Brasil já inseriu no panorama artístico mundial.

Viva Marcus Accioly!

(*) Alexandre Santos é presidente da União Brasileira de Escritores
Artigo publicado pelo jornal Folha de Pernambuco, na edição de 01 de novembro de 2017